



# ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



AS BELEZAS DA SERRA DA CABREIRA  
Um aspecto do Rio Sumido

Braga, 3 de Março de 1928

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

NUMERO 313 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.<sup>da</sup>

## Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

### PORTUGAL :

Ano. . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

### COLONIAS :

Ano. . . . .	64\$00
Semestre . . . . .	32\$00
Trimestre . . . . .	16\$00

### ESTRANGEIRO :

Ano. . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

# Automoveis e Camionetes **RUGBY**



**Os carros preferidos pela sua elegancia e  
modicidade de preços**

**STAND RUGBY**

Avenida da Liberdade, 32



# BRAGA

## LIMA, FILHO & C.<sup>A</sup> L.

Grandes Armazens da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56

Telefone 31 (1.º andar)

**:: BRAGA ::**

Operações de Credito — Compra e venda de todos  
os artigos — Ourivesaria e Relojoaria  
Deposito de Maquinas de costura. Fazendas de  
lã e algodão, fato feito etc. Especialidade  
em CAPAS ALENTEJANAS

## Tintos para Igreja

147 — Rua da Cruz de Pedra — 151

BRAGA

A mais antiga tinturaria de Braga, usando  
dos processos mais modernos, presta-se a sa-  
tisfazer qualquer encômda para tingir quais-  
quer objectos proprios para Igreja, tais como,  
paramentos, cortinados, etc. Tambem tinge  
vestidos de senhora e fatos para homem. Sa-  
tisfaz qualquer encomenda pelo correio.

Pedidos a Manuel José Gomes, Sucessores



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, *R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º*

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 3 de Março de 1928

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA  
BRAGA

Anno VII — N.º 313



BRAGA — O pitoresco local dos Galos, no rio Este.

## Período eleitoral

HOUVE já quem escrevesse nesta revista que em face das orientações das ditaduras espanhola, italiana, e ainda portuguesa, a democracia parece recuar. Era filosofica a reflexão, e por isso se acrescentou que este « parece » daria logar a um largo e copioso tratado.

Na verdade, a ditadura, instituição que a Republica romana tinha como constitucional, regulada pelas leis, e as gregas não desconheciam também, a ditadura é, por sua natureza uma coisa transitoria. Quando um poder de conquista, como é sempre, por armas, golpes de Estado, ou surpresas de votação, se estabelece em ditadura, a breve trecho se intenta legitimar, sancionando ao efeito as oportunas leis.

E na complexidade que constitui a vida social e politica da Europa e da civilização modernas, vê-se, por vezes, uma extranha particularidade: poderes aparentemente regulares, estabelecidos dentro das formulas da Lei fundamental, não a respeitam e fazem ditadura; poderes nascidos à margem do Direito Constitucional procuram por todos os meios legitimar e regularisar a sua acção, coordenada pelas prescrições do Estatuto Nacional.

Vem estas considerações muito a proposito das que o actual Governo fez sobriamente no Decreto 15063 que convoca os collegios eleitorais para a eleição do Chefe do Estado. O Governo, nesse Decreto, publicado em 27 de fevereiro manifesta o seu pensamento politico, por uma forma terminante: a necessidade da eleição como fundamento da autoridade, considerando legitimo, deste modo, só aquele poder que a Nação escolheu.

Entende o Governo ser necessaria à vida do Estado a consulta ao país, a declaração do povo, designando a pessoa que deve exercer a autoridade. E, prosseguindo, o Governo louva-se no facto de a inscrição no recenseamento, sem peias, levando quasi às ultimas consequencias o sufragio eleitoral, constituir a mais liberal das leis que tem entre nós regulado este assunto.

Não, é, portanto, uma vaga abstracção de filosofia politica que nos moveu a dizer naquele « parece » que a opinião vulgar que se forma acerca da ditadura dista muito de corresponder ao pensamento politico dos homens da governação. Suspeitando que a Democracia não tinha perdido, como alguns podiam imaginar, as posições conquistadas, nós sabiamos perfeitamente que correspondiamos ao pensamento politico dos homens do governo. E os factos e os documentos vieram dar-nos inteiramente razão pois que é o proprio Poder Executivo quem declara imprescindivel a consulta à Nação, por meio do sufragio universal, regulado como diz o Decreto, pela lei mais liberal que jamais se promulgou entre nós.

Deste modo a ditadura propõe-se regularizar absolutamente, a vida politica, em harmonia com os principios fundamentais da democracia, pois reclama o sufragio universal para tão grave objecto como é a designação do Supremo Chefe do Estado.

E' curioso pôr em paralelo a orientação dada pelo governo português, ao acto eleitoral, com a que assumiu contemporaneamente o italiano. Em Portugal foi dado o direito de voto a todos os que tem a rudimentar instrução de saber ler e escrever; aos chefes de familia e aos que vivem sosinhos, com os seus proprios recursos, embora analfabetos; aos combatentes da guerra; aos emancipados, e aos que possuam cursos superiores ainda que menores de 21 anos; foi restituído o voto aos militares do activo de todas as graduações e aos magistrados, aos quais uma lei de ha anos havia retirado esse direito politico. O Governo, portanto, tem razão ao afirmar que a lei actual do recenseamento politico é a mais liberal de quantas até hoje se promulgaram entre nós.

A Italia tem agora tambem umas eleições; nesse país, todavia, muito ao contrario do que se dá entre nós, o direito de voto é concedido unica e exclusivamente às associações do fascismo.

Essa orientação é formalmente repudiada pelo Governo Português: manifestando a necessidade da consulta ao país, afirma ser necessario ouvir a totalidade da Nação e não uma pequena minoria, com cujas expressões se vê clara a censura a anteriores situações politicas, das quais se tem dito — e com certa razão — que viviam em ditadura, embora se disfarçasse na legalidade constitucional.

Está, portanto, aberto o periodo eleitoral: o país vai manifestar-se na escolha do seu primeiro magistrado. Não é difficil vaticinar o resultado da eleição. Os sucessos claramente indicam quem será o escolhido. Mas como devemos fingir ignora-lo, como deve esperar-se o apuramento da votação, que certamente recairá no Snr. general Carmona, actual Chefe do poder executivo, só nos resta pedir que o Espirito Santo illustre a Nação para que seja recta a escolha, e não negue a sua luz ao Eleito, para que possa bem governar o país e promover a felicidade da Nação.



Passando um dia certo sujeito junto duma senhora que de formosa nada tinha, exclamou:

« Como é bela !... »

Vira-se a dama e vendo-o feissimo, respondeu:

« Sinto muito não lhe poder dizer o mesmo ».

« E' mentir como eu, minha senhora — lhe replica o outro ».

## Carta a uma Mulher

... « — Que nós-outros, os homens, fazemos da mulher um conceito mesquinho, — mesmo quando lhe concedemos, por favor ou hipocrisia, a grandeza de um M maiúsculo... »

Recorto êste trecho de uma carta que uma interessante e misteriosa A. de T. me dirigiu.

Por quem é, minha Senhora!

Nós não fazemos de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o tal « conceito mesquinho »; e se lhe dedicarmos um M de respeito não o faremos por adulação ou... hipocrisia.

V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> não é — e isso conhece-se logo pela letra — uma mulher qualquer. E' alguém. Apostaria em dobrado como a sua cabeleira desconhece ainda a censura implacável... da tesoura; e estou certo de que as suas maneiras não copiam os figurinos banais que as meninas Pires, suas vizinhas do lado, mandam vir de algures...

Porque V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> sabe o que se deve, nós nunca poderemos esquecer-nos do que lhe devemos. E é assim que não poderíamos perdoar-lhe a injustiça das suas palavras se não houvesse a desculpa dos seus nervos louquinhos.

V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> compreende: há mulheres... e Mulheres. Há-as que merecem o nosso culto, a nossa veneração; mas há também as que mereceriam o nosso desdém se a comiserção não viesse estender sôbre elas a sua misericordiosa capa de passa-culpadas.

V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> já compreendeu.

Entre a Mulher dona-de-casa, a Mulher-Senhora, e a menina Pires da janela e do romance que passa a vida a ensaiar-se ao espelho e a lustrar as unhas, — vai uma distância que não pôde medir-se! a mesma que separa V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, Senhora Dona A. de T., da Mistinguette. Mistinguette é a mulher do século, a boneca de tôda a gente; é o cigarro banal que se deita fóra depois de duas fumaças; a gatinha inútil que adormeceu de mimo sôbre a *console*, a

fazer *pendant* com o ingénuo Pierrot da almofada...

V. Ex.<sup>a</sup>, porém, — demora tão pouco na sala de visitas! tão pouco que ainda ninguém pôde cotejal-a — nem seria capaz de tanto ousar! — com as superfluidades encantadoras que a sua mão de artista ali dispôs em raras horas de lazer.

E' que há mulheres, minha Senhora, que eu comparo àqueles romances inúteis que só se lêem... quando não há que lêr. Podemos nós levar a sério a banalidade?

Não nos culpe, pois, V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>? Os seus nervos atraçoam-na: cuidado com êles! Se as meninas suas vizinhas — as tais — se queixarem dêste arrazoado, não lhes diga nada; ou, então, arrisque algumas palavras em defesa do jornalista implacável...

E se houver amuo? *Con su pan se lo coman!*

O seu pão, minha Senhora, é de outra farinha, — dessa pura e branca farinha que a nossa Terra produz e que a gente bem pôde levar, nas mãos erguidas ao altar de Deus.

Teixeira Pinto.

## O que custa a vida

A trinta e cinco réis custa a pescada;

O triste bacalháu a quatro e meio; a desasseis vinténs corre o centeio; do verde a trinta réis custa a canada.

A sete e oito tostões custa a carrada da torta lenha que do monte veio; vende as sardinhas o galego feio, cinco ao vintém; e seis pela calada.

O sujo regatão vai com excesso revendendo as pequenas iguarias, que da nobresa são todo o regresso.

Tudo está caro; só em nossos dias graças ao Céu! temos em bom preço os tremoços, o arroz e as senhorias.

Isto era *in illo tempore!*

E hoje...

## (Do Evangelho de S. João)

Versos recitados, na sessão solene realizada na Associação Católica do Porto em honra do Sumo Pontífice.

Por noite vaga e profunda,  
Simão Pedro foi pescar,  
Levando na sua barca  
Seis homens p'ra o ajudar.

Por mais que a rede lançassem,  
Nem um só peixe caíu,  
Voltando à praia exauridos,  
Logo que o sol refulgiu.

Na praia, Jesus estava,  
Sem ninguém o conhecer...  
E aos pescadores perguntou  
Se êles tinham que comer.

Nada temos, por que a pesca  
Não nos deu coisa de nada.  
Esperai lá... lançai a rede  
Sobre a direita.

Ordenada.

Foi a manobra em seguida.  
E d'ali por um momento,  
Era a rede tão pesada,  
Que causava encantamento.

Um dos discípulos, então,  
A quem Jesus muito amava,  
A Simão Pedro dizia :  
E' o Senhor !... e chorava...

Chorava de enternecido...  
Simão Pedro ao mar se lança!...  
E, no mar de Te'briades  
Colhe a rede com pujança.

Foi a pesca mais famosa,  
Que se pode imaginar !...  
Cento e cinquenta e trez peixes,  
E a rede sem se rasgar.

Sobre a praia ardião brázas  
De um fogo consolador,  
E, sobre elas, grandes peixes  
São assados com amor.

Depois da rede arrastada,  
Onde vinha a pescaria  
Milagrosa e inesperada,  
Jesus Cristo lhes dizia :

Vinde jantar, e foi dar-lhe  
O peixe que assado estava  
E o pão...

Mas, perguntar-lhe  
Quem era, ninguém ousava.

Esta foi a vez terceira,  
Que Jesus se descobriu  
Aos seus discípulos, apoz  
Que dos mortos ressurgiu.

Depois de feito o repasto,  
A Pedro então perguntou  
Se o amava mais, que os outros,  
Que ali juntos encontrou.

Que vos amo intensamente,  
Vós o sabeis, meu Senhor.  
Respondeu Pedro... e ficou-se  
Internecido de amor.

Apascenta os meus cordeiros  
Diz-lhe Jesus. E tornou  
A repetir a pergunta !...  
Triste Pedro então ficou.

Pois Jesus, terceira vez  
Lhe perguntou se o amava,  
E a apascentar as ovelhas,  
Novamente lhe ordenava.

Mas, por fim, serenamente,  
Ante a luz consoladora  
Do meigo olhar de Jesus,  
Cumpre a ordem redentora.

E, assim, Pedro foi eleito,  
Do rebanho do Senhor,  
O pegureiro fiel,  
O seu sagrado pastor.

*Antonio de Lemos (Alvaro).*



NO mesmo jornal onde sentidamente se noticiava, na pompa faustosa da necrologia solene, o passamento de três ou quatro bemquistos e honrados mercadores, notáveis apenas pelo tacto com que tinham engrossado os abundantes cabedais, encontrei, no fundo anónimo de uma página, o relato da morte do grande poeta Queiroz Ribeiro.

Pondo de lado esta indiferença que marca uma época e que me levaria a largas considerações de ordem social, onde não seria difícil descortinar a razão remota da tremenda confusão em que vivemos, limito-me apenas a constatar o facto no seu simples aspecto de desprezo e de ingratidão colectiva.

Qualquer desses honrados comerciantes correctos dentro da sua moral de balcão, bemquistos entre as fórmulas convencionais do seu ambiente, contribuíram para o bem comum vendendo, por altos preços, tôda a exuberante *camelote* — perdoem-me o galicismo — que souberam armazenar para exploração do público em geral. Na sua esfera de acção contribuíram apenas para o seu bem próprio consolidando a sua situação próspera, engrossando os seus haveres. Gosaram na vida de favores excepcionais; o balcão, que, nesta época confusa, é uma nova Universidade, uma quasi alfórria mental, tornou-os aptos para tudo. Foram vereadores, deputados, críticos, artistas, no geral conceito de que o já epidémico *bemquisto comerciante* anteposto a um nome e chumbado a uma personalidade, é solene e autêntica garantia para tôdas as emprêsas e para todos os cometimentos. E assim medraram, assim viveram, felizes, admirados bemquistos — vá ainda o termo consagrado — enquanto o poeta, que a maioria considerou *um poeta*, o que é, para certa gente, carta rasa de inhabilidade e de incompetência, gastara o melhor da sua alma, delapidou o mais ardente do seu sentimento, fragmentou as íntimas parcelas do seu cérebro de iluminado em obras que fulgiram, flamejaram como astros no céu rútilo da glória nacional. Os outros, aqueles solenes anónimos que mesmo depois de mortos a imprensa

celebra, gastaram quando muito alguns vidros de redenho.

Triste, inglória situação a do escritor, do artista, neste confuso país de amadores.

E Queiroz Ribeiro foi alguém. A sua obra tocada por vezes duma rajada de génio, unvida dum divino sôpro de fé de nuepticismo suave, como nas páginas admiráveis do «*Caminho do Céu*», contribuiu para o engrandecimento da literatura portuguesa que é o nosso maior título de glória e até, uma das nossas primordiais razões de soberania.

E' que a literatura é, foi sempre, a alma dum povo; e as nacionalidades que têm alma são imorredoiras, eternas como a chama divina.

O grande poeta do «*Caminho do céu*» *doublé* de juriconsulto brilhantissimo, de polemista e orador consagrado deixa à sua terra uma obra soberba. «*Tardes de primavera*», que Junqueiro apadrinhou num prefácio em verso que fez enorme barulho no tempo, pela novidade e pela ironia sarcástica, «*Cinzas*», «*Pedras Falsas*». Preciosa colectânea de sonetos, «*Caminho do céu*» a sua obra máxima, «*Imitação de Cristo*» e «*Vida de Jesus*» versões magníficas de profunda e genial inspiração artística, são obras admiráveis onde a alma desse grande poeta scintila em reverberos de intensa luminosidade.

Por isso morre esquecido na paz da sua aldeia, na sua quinta retirada de entre altas muralhas de verdura, que o seu genial amigo e mestre, já teria vislumbrado no célebre prefácio :

.....

Essas muralhas ao ar

Para que só as estrélas

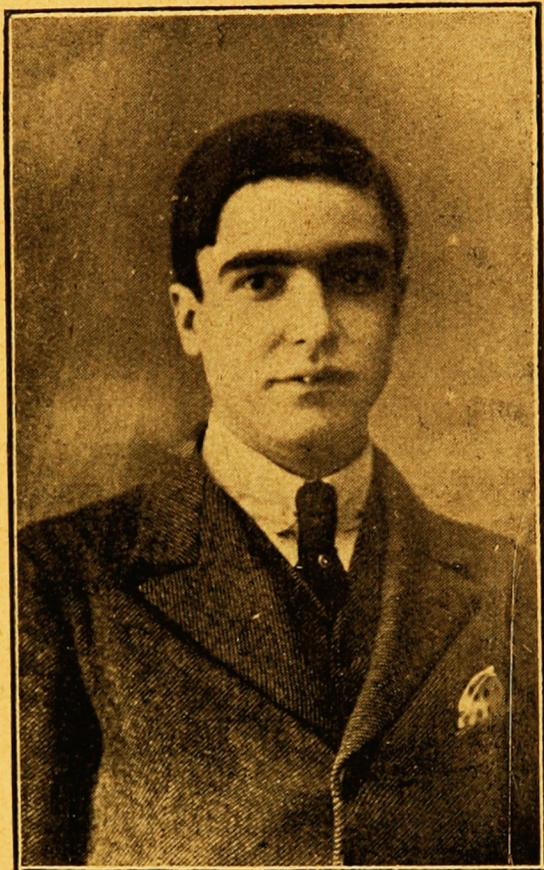
Me pudessem ver chorar.

A ironia é de Junqueiro; as lágrimas é que devem ser de todos nós grilhetas da pênna.

José de FARIA MACHADO.



SE a literatura é, como muito bem disse De Bonald, a expressão da sociedade, o teatro constitui, entre as variadas modalidades que ela pode revestir, a que mais perfeitamente exprime a vida interior que sem cessar a impulsiona. Não se trata aqui daquela vida interior em que o espírito, saturado da inanidade ambiente, procura, numa íntima concentração em si mesmo, a Verdade imanente, da qual o filósofo substancialmente se alimenta, e para o santo (porque sobretudo a ama) promanam as maiores delícias, verdadeiro ante-gózo da visão beatífica; mas



Dr. ANTÔNIO MENEZES,

*Nosso estimadíssimo conterrâneo, com o curso da Faculdade de Letras, e distincto colaborador da « Ilustração Católica ».*

daqueloutra que, duma maneira mais característica desde a Renascença, tem propellido o homem, num desequilíbrio brutal, para a realidade objectiva, levando-o a agir tão intensamente, que a acção se tornou, como diz algures Eça de Queirós, uma grande dor.

O teatro, pois, pinta a multímuda acção social, quer tanto quanto possível cingida à transitória realidade humana, quer idealmente acrescida, quer ainda eclecticamente participante duma e doutra forma. Género literário completo, o teatro atinge a plena objectividade pela exhibição plásticamente sensível dos seus temas, levada a efeito pelos

variadíssimos recursos técnicos, e é consequentemente o mais poderoso meio de educação (ou deseducação) social.

A velha tragédia helénica punha em evidência, através de complicadas acções dos deuses antropomórficos, reduzidas pela natural deficiência da técnica teatral a narrações declamadas, o tipo ideal do herói, que à rica imaginação do grego aparecia como o modelo imitando. Nos tempos mediéviços o Cristianismo enlevava as almas simples com as histórias bíblicas, tomadas superficialmente nos seus pormenores, e criou-se um teatro religioso, de encenação sugestiva, sendo as igrejas o lugar onde comumente funcionava. Nos tempos modernos e contemporâneos o teatro tem exprimido omnimodamente o conflito, sempre actual, entre o ideal e o real, ao qual as exigências crescentemente despóticas do progresso material tem dado novos e interessantes aspectos.

Elevado a um grau superior de estética e de técnica, o teatro hodierno não consegue morigerar os costumes sociais, porque lhe falta o ideal que sobalce o homem da pesada materialidade deste mundo, que nem nos vê nem nos sente, segundo dizia pitorescamente Eça, para as excelsas regiões de luz e de verdade, onde reside o Bem, que a voz íntima da consciência « em segredo protesta e afirma », consoante Antero do Quental proclamava numa das efémeras bonanças da sua alma tempestuosa. Assim o teatro ou impele desastradamente a sociedade para o puro gózo material, exemplificando grosseiramente que a vida é um conjunto de sensações, ou entra de demolir, criticando a vida realizada em actos através de enredos mais ou menos bem urdidos, ou, se consegue fazer ressaltar tal princípio construtivo, não logra que êle viva no espírito do respeitavel público tempo já proverbial das rosas de Malherbe. O espectador menos culto boceja, o erudito saboreia fugazmente a impressão, e ambos retomam inevitavelmente, reentrando na vida activa, os mesmos hábitos. Dêste modo o teatro só dissipa, não acrescenta. Numa sociedade em que os católicos são a maioria campeia com frenético aplauso o paganismo da Roma dos césares, e o teatro é a mais lídima expressão dele. A vida religiosa de nossos dias é cômicamente inconsequente, pois se combinam com tanta facilidade as práticas de devoção com o mais impudico mundanismo, que aquelas não podem deixar de ser havidas por outros tantos passatempos, de que é justo entressachar a vida, já lassa de sensações!

\*

Na justa quão imprescindível cruzada

de soerguer a moral social da abjecção, a que se lançou o progresso material malissimamente orientado, impô-se logo de entrada criar um teatro pautado pelas sapientíssimas lições do Evangelho. Criar-se-ia assim um teatro indubitavelmente superior, de tese ao mesmo tempo profunda e útil, que incidiria, convenientemente desenvolvida, sobre as crises que agitam violentamente a sociedade contemporânea.

¿ Está a família em crise? O teatro explanaria justamente que a fidelidade conjugal, jurada incondicional e reciprocamente perante o altar sagrado, com as rigorosas disposições que exige a recepção digna dos Sacramentos, é o único penhor da indissolubilidade matrimonial.

¿ Surde negra e horripilante a crise eco-

ideia de que a sociedade pode viver feliz, tendo pobres e ricos, fracos e fortes, sábios e ignorantes, desde que nela reine insofismavelmente o preceito de Jesus: Amai-vos uns aos outros!

¿ E' profunda a crise política? Trataria o teatro de imbuir no rebelde espírito contemporâneo a divina origem da autoridade: «Manifeste apparet omne dominium a Deo provenire». Todo o poder vem de Deus. Ora só o espírito moralmente bem formado é que pode, dada a liberdade inerente ao ser racional, usar dele em prol do bem comum.

Que tremenda revolução não podia levar a efeito um teatro assim dirigido! Que vantagens salubérrimas não difundiria pelas camadas sociais um divertimento assim planeado! Só desta forma se conseguiria estabele-



ARCOS DE VAL-DE-VEZ — Praça Municipal

nomicò-financeira? Assistiríamos consolados ao espectáculo onde se desenvolvesse plásticamente, com todos os recursos possíveis da arte e da técnica, que o trabalho evangêlicamente ordenado e suportado é o factor indispensável da felicidade temporal, pois que, além de criar a riqueza necessária à nossa subsistência material, gasta em cada um de nós aquela actividade que, descristianizados, vamos fatalmente consumir no vício.

¿ Alastra pavorosa a questão social? Como seria sublime que o operário, que na frase evangélica dum certo bispo é outro Cristo, assistisse serenamente à representação duma comédia (verdadeiramente alta) que exemplificasse pitoresca e agradavelmente a fatal desigualdade social, imposta pela natureza, e que fizesse, portanto, radicar a sã

cer com bom êxito a transição da vida propriamente religiosa para a vida social.

A Igreja, centro da vida moral, teria o teatro a corroborar os seus ensinamentos divinos, por modo que, indo do templo para o espectáculo e do espectáculo para o templo, cada vez mais nos fortaleceríamos em viver a vida cristã, sem desertar da sociedade, antes em saber permanecer nela pelo cumprimento dos deveres adstritos ao nosso estado.

Só a Igreja Católica, pela sua extraordinária ductilidade social, como bem disse há pouco o Senhor Bispo de Angra, é capaz de morigerar a sociedade, porque só ela é a Igreja de Deus vivo, a coluna e o paladio da verdade: «Ecclesia Dei vivi columna et firmiteramentum veritatis».

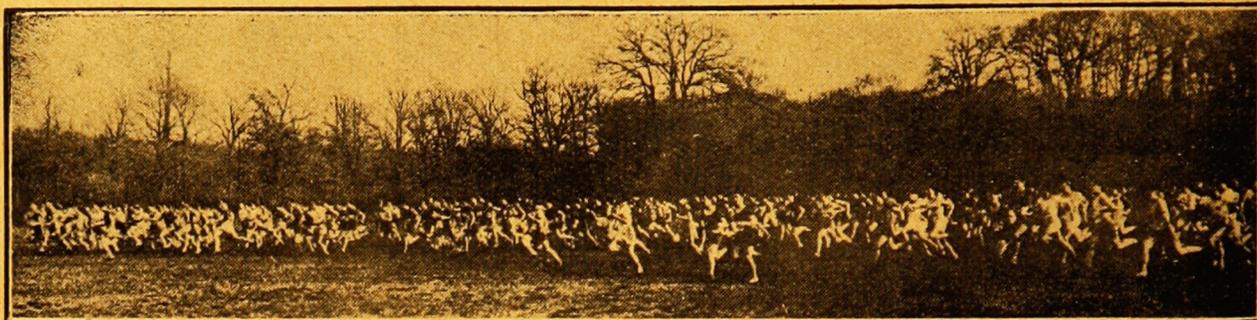
ANTÓNIO MENESES.

# No ritmo da vida universal

Está a correr o período quaresmal. Por toda a parte, vestígios da velha tradição litúrgica que fazia do tempo santo uma quadra de instrução religiosa muito intensa, os púlpitos vêm subir

revista, trata das relações da Arte com a moral.

Pio XI notou quão grande mal fazem escritores como D'Annunzio que a pretexto de beleza estética, ofendem os



SAINT-GERMAIN. — Grande corrida pedestre. A partida de 400 concorrentes.

os melhores oradores, realizando-se em todas as igrejas, em todas as grandes igrejas, pelo menos, uma série de sermões ou conferências.

Notre-Dame de Paris, já célebre desde há um século, por suas conferências que marcam ordinariamente as grandes diretrizes do pensamento cristão, tem este ano Mons. Baudrilart como orador e projecta desenvolver uma resenha de história das relações da França com a Igreja.

Em Roma, Sua Santidade propoz aos pregadores da quaresma dois temas: a vocação sacerdotal, é o primeiro; o outro, e muito em analogia com esta

foros sacratíssimos da ética e da verdade.

\*

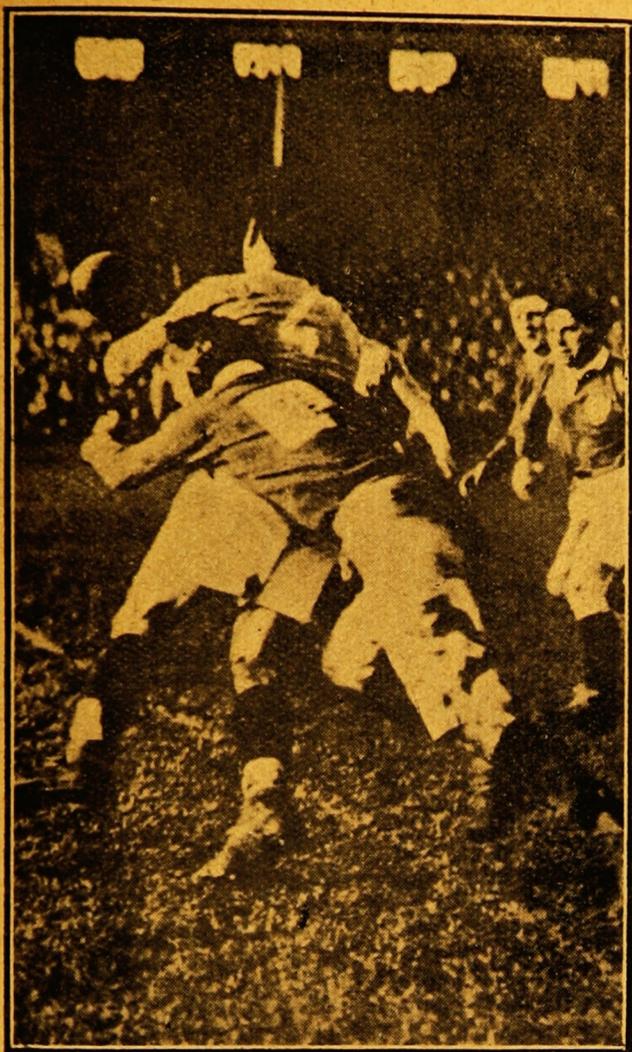
Em Braga a Juventude Católica,—

como o se vê não trata só de diversões, a prestimosa colectividade, mas sabe quando é tempo de diversão, e quando de penitência ou de estudo—a Juventude Católica organizou para a quaresma uma série de conferências, auspiciosamente iniciadas pelo rev. director da *Opus Dei*, D. António



SAINT-GERMAIN. — Os primeiros corredores Loiseau, Trajon e atrás deles Leduc, o vencedor final.

Coelho. Elevadas e perfeitamente compreensíveis foram as suas sábias reflexões.



BELFAST. — A equipe da Irlanda bateu os franceses por 12 contra 8 pontos. — Lacaze passando a bola.

\*

Na Sé Primacial está prègando a Quaresma o rev. Dr. Gonçalves Pires. Doutrina sólida, numa linguagem elegante sem deixar de ser popularíssima, ao alcance das mais rudes inteligências. Pão partido em pequeninos, no dizer de um clássico.

Sabemos que o nóvel orador, — conselheiro director da Juventude C. — preparara estudos mais elevados, de exegese bíblica, que deveriam incitar o povo à leitura das Santas Escrituras. Lamentamos que não tenha ido por diante tão oportuna lembrança. Mas houve o parecer de que seriam assuntos elevados *de mais* para a rudeza do nosso

povo! Foi um engano, que, no dizer do Card. Mercier precisamos no púlpito (ao contrário do que se faz) noventa por cento de dogma e dez por cento de moral. E as profundíssimas homílias de S. Leão foram prègadas, não ao Areópago, mas à plebe romana.

\*

O desporto! E' ainda o maior propulsor da actividade dos homens, e já o era no tempo dos apóstolos. A Irlanda bateu os franceses em podosfera — já sabem, o «foot ball», — conquistando assim um triunfo desportivo memorável.

Em Saint-Germain, alinharam 400 corredores uma importante prova de pedestrianismo. Era imponente o grupo na ocasião da partida; o vencedor bateu por pouquíssimo espaço dois outros corredores, que o seguiam de perto, e à frente dos quais passou nos últimos metros. Documentamos gráficamente êstes sucessos.

\*

Sevilha está a preparar, com febril actividade, um importante certamen; uma exposição ibero-americana, na qual o nosso país se fará representar, construindo um pavilhão.

Como essa demonstração industrial



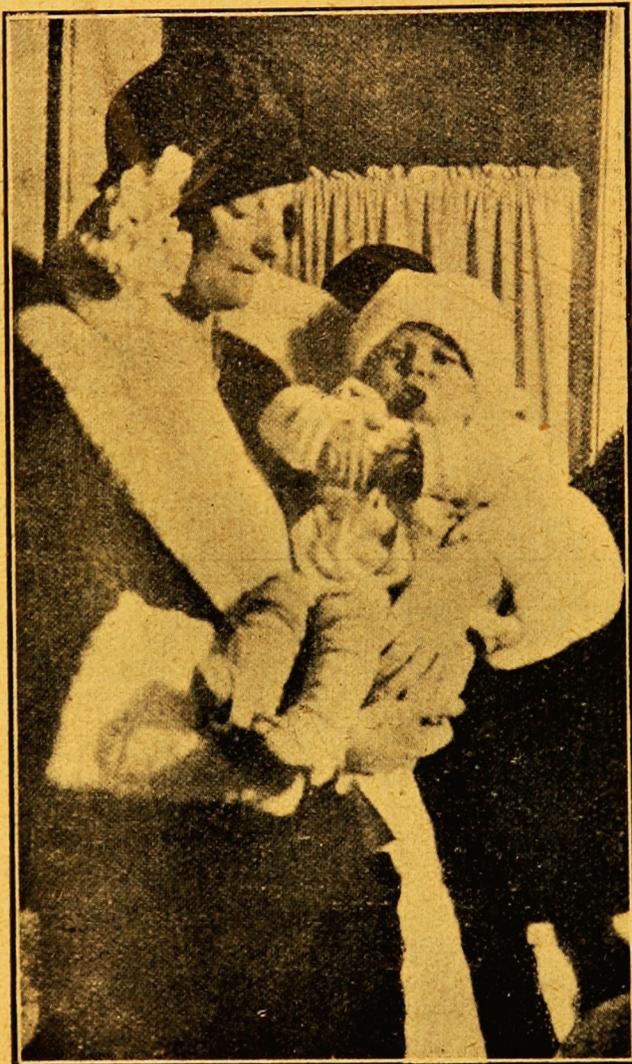
SEVILHA. — O Cardial Ilundain e outras personalidades que formam a Junta organizadora do Congresso Mariano Hispano Americano.

fará concorrer numerosas personalidades à formosa cidade do Gualdaquivir, pensaram os católicos aproveitar o ensejo para reunir um Congresso Mariano. A Junta organizadora dêsse congresso, também ibero-americano, tem efectuado já numerosas reuniões, a que preside o sábio cardial Ilundain.

\*

A Inglaterra sofreu sucessivas perdas de homens notáveis: o literato Hardy, ultimamente Lord Asquith e pouco antes o marechal Douglas Haig, que foi um dos seus grandes cabos de guerra, e comandou as tropas britânicas na ocasião do armistício.

Os funerais, homenagem nacional,



BRUXELAS. — A Princesa Astrid, jóven esposa do príncipe Leopoldo, acaricia um pequenito da «Casa do Filho do Operário».

foram imponentes. As condecorações de todos os países, transportadas no



LONDRES. — No funeral do Marechal Haig. Condecorações do finado.

préstito, mostravam o alto valor do ilustre militar.

\*

Notícias telegráficas vindas do Brasil nos dizem que uma espantosa ressaca, invadindo a cidade, causou derrubamentos de casas e motivou mortos e ferimentos em grande número. Contristamos, naturalmente esta desgraça.

\*

E agora uma nota interessante e plausível. A côrte italiana deu uma festa, um baile palaciano. A rainha, as damas e a assistência vestiam trajes elegantes, sem decote, e longos. A música tocou peças delicadas, e dançaram-se danças modestas e graciosas. Aí está a única maneira de combater os exageros das modas, contra os quais não tem eficácia declamações de moralistas, mas que exêmplos desta ordem social, estabelecendo a *moda* da honestidade, corrigirão docemente.

## A medicina

Que doente há aí que se atreva a pôr dúvidas aos médicos? — Riem-se deles, mettem-os à bulha, fartam-os de epigramas e de improperios: todos se fazem valentões em saúde, e sôbre tudo diante de muita gente. O médico porém, vinga-se à cabeceira da cama, em particular: decide, receita, mata; o doente humilha-se, obedece e morre.

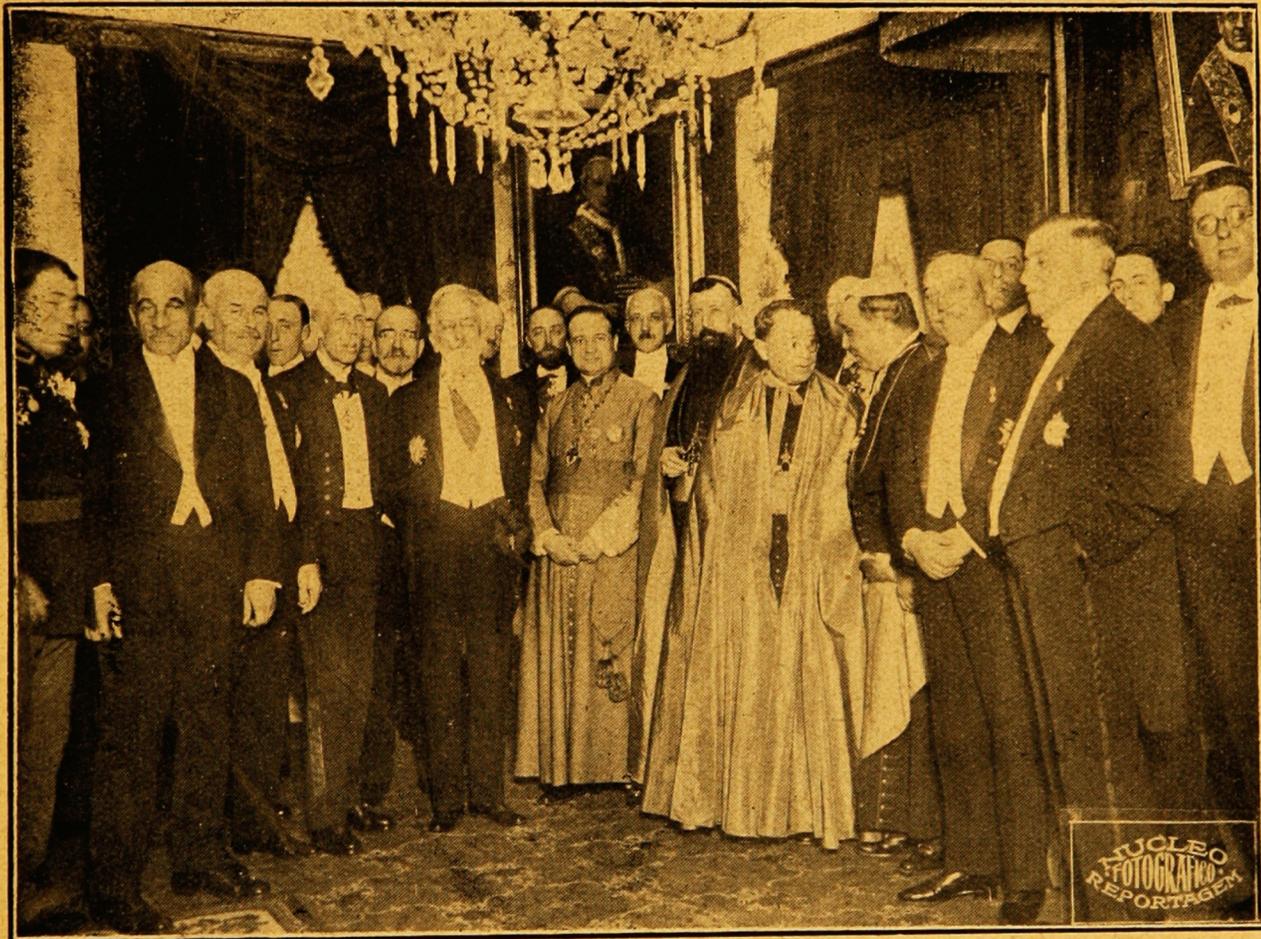
Desde Bento XV, que a diplomacia pontificia tem seguido uma triunfaute ascensão. A importancia internacional do Pontificado tem crescido nos ultimos anos, fazendo prever um predomínio efectivo na civilisação como nos mais aureos periodos da sua hegemonia espiritual.

Reatadas as relações diplomaticas com os paises que as tinham cortado ou estabelecidas com outros que ainda as não tiveram, a Santa Sé ocupa no terreno politico internacional um lugar importantissimo e de relevo.

E os seus Representantes e Nuncios, por toda a parte se esmeram em elevar ainda mais o nome da

A Sé de Braga, veneravel monumento de antiguidade — que já chegou à referencia de proloquio: «velho como a Sé de Braga» — é nma estratificação de sucessivos estilos desde o severo e magestoso românico, não despido de elegantes brincados, até ao poema de granito do manuelino, cujos arrebois nasceram nas nervuras da sua capela mór. E de então para cá ainda a Renascença contribuiu para o seu alindamento, no coro imponente de preciosa talha, e noutra em que se lavraram retabulos dos seus muitos altares.

No claustro, hoje coberto e com feição de cape-



*Mons. Efrem Forni, encarregado dos negócios da Santa Sé, com alguns Prelados, altos funcionários e diplomatas, no salão da Nunciatura, por ocasião do Banquete comemorativo do aniversário pontificio.*

Santa Sé, exercendo uma acção delicada e criteriosa que a tem notabilisado.

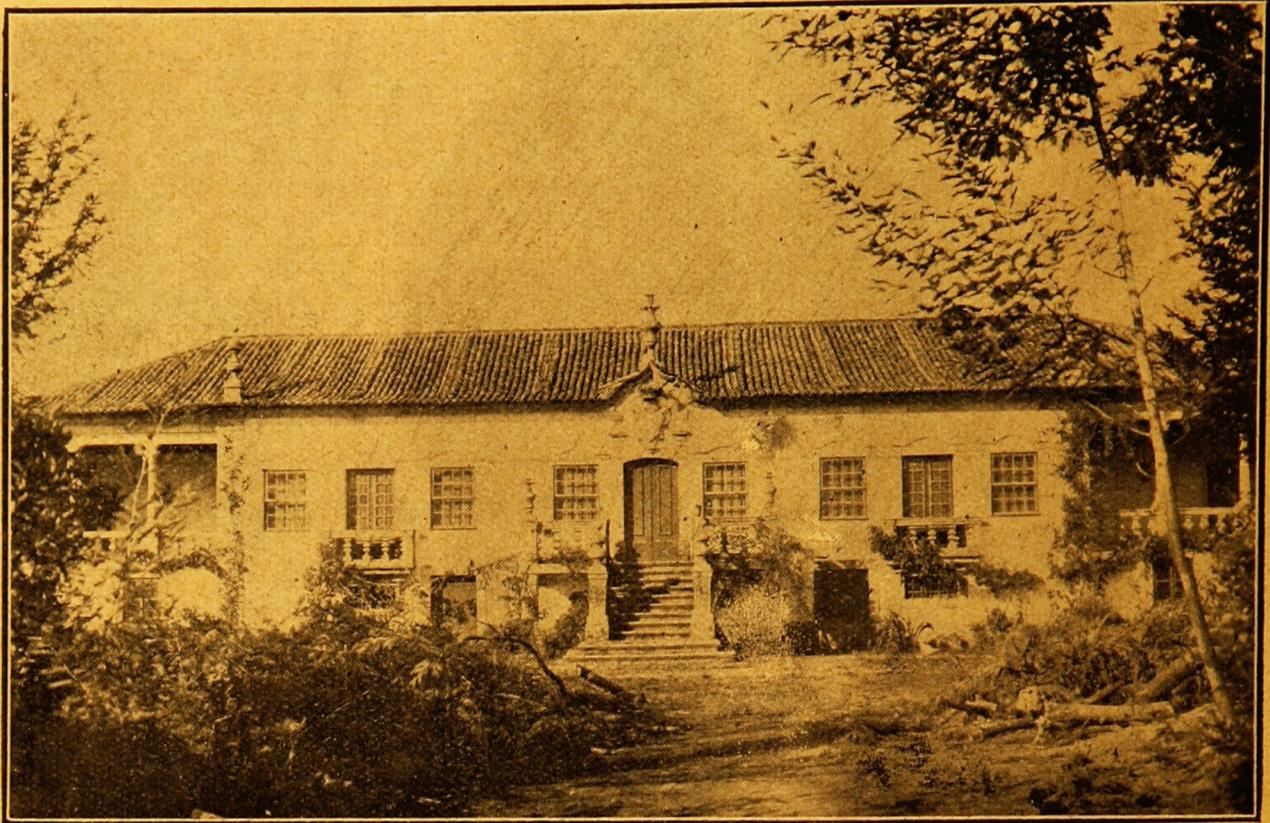
A Nunciatura de Lisboa, hoje entregue ao encarregado de negocios Mons. Efrem Forni, realisou no aniversario da coroação de S. Santidade, as costumadas demonstrações. Alem de uma sessão solene na Sociedade de Geografia, por ele patrocinada, e na qual foi exaltado o nome de S. S. Pio XI, com palavras de erudito e entusiastico delineamento, Mons. Efrem Forni reuniu num banquete diplomatico, com os representantes das varias nações, outras personalidades illustres do mundo ecclesiastico e official portuguezs.

Essa recepção, pelo seu brilhantismo, foi uma nova comprovação da importancia que tem hoje na diplomacia internacional a potencia espiritual do Vaticano.

la, que prolonga a de S. Geraldo, levanta-se, contra uma parede românica, já de influências góticas modificada, um altar, dedicado às Almas do Purgatório, ou melhor, a S. Miguel como seu protector e introductor no Paraíso.

A teologia católica sôbre a Igreja purgante condensou-se o escultor nêsse retábulo, em que occupa o cume a Trindade Santíssima, e aparece S. Miguel na sua vulgar atitude de participante no juízo como invoca a liturgia da missa funeral.

Não é destituído de beleza artistica o retábulo, que hoje reproduzimos em fotogravura, e que não sendo das obras mais salientes da Basilica é todavia digno de atenção e de estudo por muitos aspectos que o consideramos.

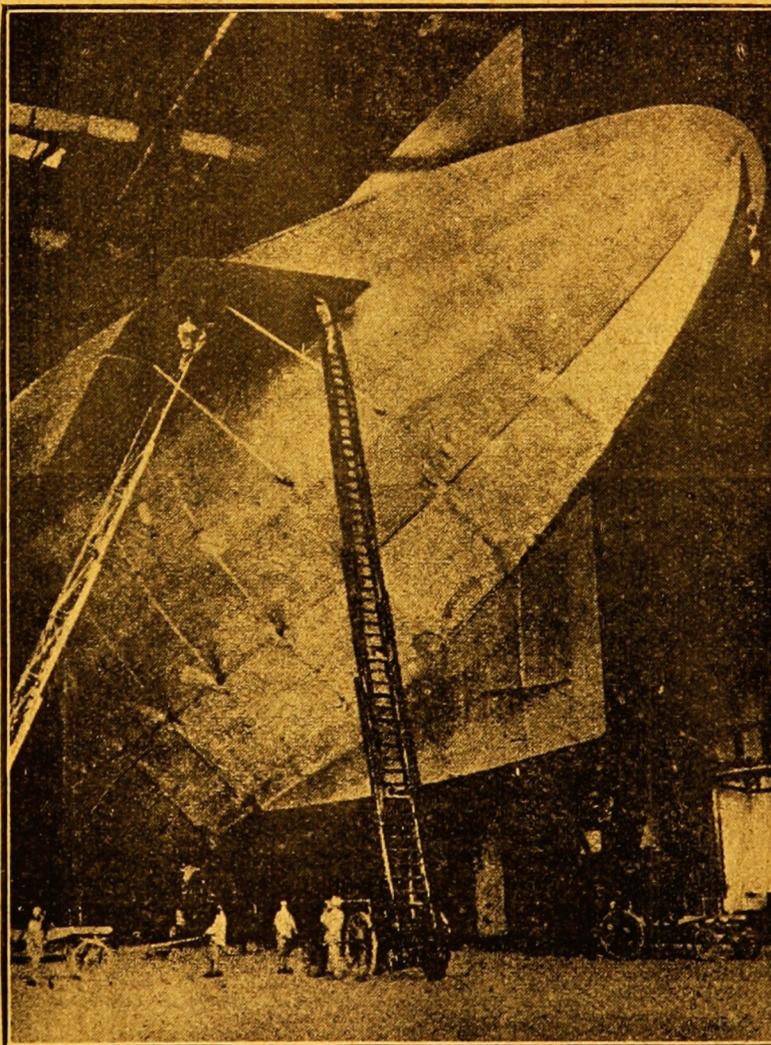


BRAGA

## CASA DO FEITAL

Em S. Jeronimo de Real

Antiga residencia de verão da illustre Casa dos Biscainhos. Formosa construção «rocaille», século XVIII, hoje pertença da illustre Senhora D. Francisca Menezes (Bertiandos)



CIAMPINO — (ROMA)

O dirigivel italiano que pretende atingir o Polo Norte

# A MELHOR COLHEITA

Lá ia o carro aos tombos pelas estradas, puxado por um macho lazarento, governado sem aspereza por José Bedoyer, cesteiro de officio e vagabundo por princípio e por herança. Na plataforma detraz da carripana ia assentada a mulher, acalentando um recém-nascido que um pálido sol de outono brandamente acarinhava. Os mais velhos — um ra-

Bosques e campos... campos e bosques... paisagens que se sucediam lentamente sem que o chefe da família julgasse oportuno fazer parar o macho, que principiava a abanar as orelhas, desiludido... Emfim! Nas proximidades de uma grande aldeia, um tanque cercado de vimes tentou o cesteiro. Ràpidamente se instalou o acampamento e, enquanto a Marieta ajudava a mãe a preparar a comida, o Pedro apertava o cós das calças e partia, de nariz no ar, à cata de aventuras.

Ora havia ali perto um pomar que ostentava as suas árvores cheirosas, um lindo pomar com muitas macieiras alinhadas cuja folhagem era salpicada pelo sorriso vermelho das maçãs rubicundas. Pedro, que conhecia o valor do tempo e a delícia dos frutos maduros, não hesitou. Certificou-se num volver de olhos de que os pais o não observavam e, apertando entre os joelhos a mais frondosa das árvores, começou a trepar...

\*

— Ana, diz o Abade à governanta, convidei o médico e o «maire» para virem amanhã comer comigo a lebre que me mandou o snr. Chancy.

— Essa está boa, resmungou a Ana. Para que havia de convidar toda essa gente? Não seria melhor que a lebre fôsse só para si?

— Oh Ana! Você parece gulosa. Olhe que isso é máu!...

Bem, arranje também uns ovos das nossas galinhas e as maçãs que estiverem maduras.

— Já o devem estar snr. Abade e até já vou vêr ao pomar.

De cesto no braço e touca sôbre o carrapito grisalho, a governanta do snr. Abade está pronta para sair e sai.

Apenas chegou ao pomar um estranho fenómeno a espera; apesar de não correr viração que abane as copas arredondadas das árvores, numa macieira — uma só! — agita-se de uma fôrma insólita.

Ao passo que Ana se aproxima para desvendar o mistério, sente cair sobre a cabeça qualquer coisa que lhe parece uma peça de grosso calibre, mas que na realidade é uma grande maçã atirada por mão



BRAGA. — Altar de S. Miguel e Almas nos Cláustros da Sé Primacial.

(Fot. Beleza.)

paz e uma pequena — corriam atraz um do outro, rindo às gargalhadas, em redor do domicílio ambulante.

sobre a cabeça qualquer coisa que lhe parece uma peça de grosso calibre, mas que na realidade é uma grande maçã atirada por mão

maliciosa e certa. A pobre mulher, sufocada, bate em retirada a passos precipitados e comprometedores para a sua dignidade natural. A' sua passagem assustam-se os patos, espantam-se as vizinhas, mas pouco importam à Ana essas ninharias!

Corre ao jardim aonde o Abade está lendo o seu breviário e num tom que excita a reprobção do gato que dormita sobre um tijolo, exclama:

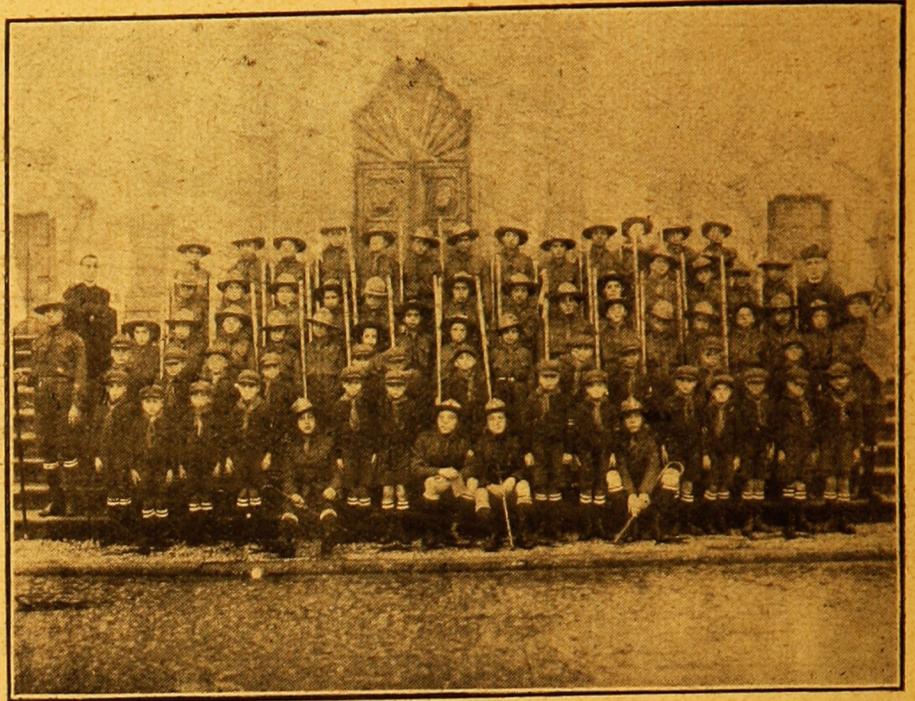
— Snr. Abade. Temos ladrões!

— Oh Ana, como você está enfiada! Ladrões... aonde?

— No pomar. Uma quadrilha inteira!

O bom Abade esteve na guerra, e dêsse tempo guarda a recordação pungente de ter visto cair em volta de si tantos soldados, como caem, às miriades, em maio, as pétalas nevadas das macieiras! Leva consigo a bengala das trincheiras e vai por sua vez ao campo onde Pedro perpetra os seus delictos.

De facto o maganão trabalhára a valer. Sobre o macio tapete de relva, ainda aljofra-



VIZEU. — Núcleo do Corpo Nacional de Scouts. Grupo n.º 37, Nun' Alvares, e alcateia 17, S. Luis de Gonzaga.

O Abade aproxima-se forçando a voz:

— Quantos patifes são vocês aí?

A pergunta persiste severa porque é preciso manter o princípio da legalidade, não é assim? Pedro balbucia:

— Era eu só...

O Abade observa mais de perto o culpado: êstes olhos vivos, êstes cabelos anelados, êste traje de caminheiro em projecto, nada disto está catalogado na frêguesia. Iluminado por uma intuição súbita o padre informa-se:

— Onde estão os teus pais?

— Acolá naquele carro, mais as minhas irmãs...

— Ah! tu tens irmãs?

— Duas, uma delas ainda de colo.

— Leva-me aos teus pais.

Pedro torcendo o nariz de receio, dirige-se ao acampamento familiar. Atraz dele caminha o Abade que foi apanhando alguns dos mais lindos frutos, com profundo terror do criminoso.

As explicações são menos tempestuosas do que o garoto temia. O pai, logo às primeiras palavras do Abade, tinha pegado, sem frases, numa chibata com uma mimica significativa; põe-na porém de lado a pedido do Abade.

Marieta aproximára-se sem acanhamento



AVEIRO. — O team dos Galitos de Aveiro, que jogou em Vizeu, na sua visita àquela cidade.

do de orvalho, umas trintas maçãs o matisam de flores púrpuras; para um paisagista seria um quadro encantador, mas, para o Abade, é-o muito menos...

nha pegado, sem frases, numa chibata com uma mimica significativa; põe-na porém de lado a pedido do Abade.

Marieta aproximára-se sem acanhamento



VIEIRA DO MINHO — Brancelhe. — Praça Dr. Guilherm<sup>o</sup> Abreu.

— tinha a consciência tranqüila e as filhas de Eva são criminosas! — e vê que o avental se lhe vai enchendo de belas maçãs trazidas pelo padre. Enquanto se conversa, este, pergunta de repente:

— E' claro que tôda esta petizada está batizada, não é verdade?

Cate agora ao cesteiro a vez de ficar atrapalhado. Entra em explicações confusas que a mulher resume o melhor que pôde:

— Ainda não foi possível... A gente não pode parar nas terras muito tempo por causa dos regulamentos da policia, e por tôda a parte nos recebem tão mal... que ainda não nos atrevemos...

— Mas temos muita pena, snr. Abade, redarguiu Bédoyr. Somos gente honrada, somos casados... Josina vai buscar a certidão...

— E' inútil meus amigos e olhe combinemos aqui já uma coisa; vamos batizal-os todos trez ao mesmo tempo, e eu serei o padrinho dêste rapagão, mas com a condição de nunca mais me surripiar maçãs!...

\*

Quando o médico, o «maire» e o fidalgo do solar, todos três proprietários de esplêndidos pomares e finos apreciadores de bôa cidra, discutem amigavelmente os méritos das respectivas herdades e os ânos mais

glaterra, o que é a vida dum chefe de Estado.

Durante o ano de 1907 o Rei de Inglaterra visitou 43 cidades, sendo 28 inglesas e 15 estrangeiras; assistiu a 16 inaugurações de edifícios e monumentos públicos e a 14 banquetes oficiais; passou 12 vezes revistas



VIEIRA DO MINHO. — Brancelhe — Outro aspecto da Praça Dr. Guilherme Abreu.

a tropas; percorreu 6 exposições; deu 4 recepções no Paço; foi 12 vezes às corridas de cavalos e 42 ao teatro; honrou com a sua presença com garden-party e 1 tean-party e finalmente, escreveu, examinou, dictou e anotou 50;000 documentos oficiais e privativos.

memoráveis em produção, o bom Abade, se está presente, acóde logo a dar o seu parecer e os seus amigos concordam, de todo o coração, quando êle diz, de mãos nas ilhargas:

— Para mim a melhor colheita foi a de 1924. Só uma das macieiras do meu pomar me rendeu três cristãos!...

Trad.

Z.



## VIVER SEM DESCANÇO

Ainda ha quem inveje a vida dos soberanos, considerando-a o eumulo da ventura! Imaginem, por exêmplo, com respeito a Eduardo VII de In-

# ANECDOTAS HISTORICAS

## Est modus in rebus

O cónego Gabriel Marques Godinho teve muita galanteria e graça. Uma manhã de inverno chamou um escudeiro e perguntou, que tal estava o dia? Respondeu o pagem: Senhor, está tanto vento e chuva como nunca vi e grande asno será Vossa mercê se fôr à Sé. E o Cónegoolveu: — O conselho aprovo; o modo não no gabo.

## Errata

Um padre que estava a publicar um livro, só lhe achou um erro, e consultou o P. Mestre fr. Domingos de S. Tomás se poria *errata* ou *erratum*. E respondeu aquele: Padre, mande cá o livro, que lhe acharemos mais algum erro, e pôr-lhe-hemos *errata* sem engano.

## Lança e púcaro

Pedro de Melo levava um púcaro de água à mēsa do rei D. João II e caiu-lhe o púcaro da salva: Os fidalgos começaram a rir-se e êle ficou perturbadissimo. O rei, porém, interveio: — De que vos rides? A Pedro de Melo nunca lhe caiu a lança da mão, embora lhe caísse o púcaro.

## Medida de versos

Marcos Landense repelindo uns versos a Clemente VIII, ao terceiro que leu, disse o Pontífice: Marcos, êsse verso tem uma sílaba de menos. Não importa, Santíssimo Padre, respondeu: em qualquer outro achará V. Santidade sílaba de mais.

## Não era por aí...

Em um acto fúnebre discursou nesciamente certo orador, porém desvanecido e pago de si mesmo. E finda, perguntou a Catulo se o seu discurso movera a compaixão o auditório.

E êle respondeu: — Na verdade, creio que ninguém haveria de ter duro coração a quem êle não cause compaixão.

## Homem contra homem

Os lacedemónios enviaram Agis por embaixador a Filipe de Macedónia e êste perguntou-lhe: Porque te mandaram só? E êle respondeu: porque me mandaram para um só.

## Potências majestáticas

Certo soldado pedia ao rei D. Filipe I a mercê de um hábito em atenção aos seus serviços.

O Rei respondeu que o teria na sua memória.

O que eu quero, senhor, é que V. M. me tenha na sua vontade.

## Pouco viajados

Censurando Antistenes não conhecerem os Atenienses outro mundo mais que a sua cidade, dizia serem como os caracóis que sempre estão em casa.

## Bons desejos!

Admeto, ridículo poeta, jactava-se de um epigrama, que fizera para se pôr depois de morto na sua estátua.

Demonax lhe pediu o recitasse e dizendo aquele o primeiro verso: «Corpus humo tegistur Admetus od astra volavit» o interrompeu: — Homem, tanto me agrada que bem o queria já ler escrito no seu lugar!

## Loqüazes e calados

O Conde de Borba era muito falador, e o Conde de Abrantes falava muito pouco. Ambos andavam em requerimento com o Rei e falando um dia o de Borba, disse-lhe o monarca: Conde, falais muito. Retorquiou o aludido: — Pois, Senhor, se não me despacha porque falo muito, despache o Conde de Abrantes que não fala nada.

## A' vontade

Um bispo perguntava a um ordinando: como estava Deus no céu. Eolveu-lhe o examinando: — Ora, como está em sua casa, estará como quizer.